

Crónicas da Terra Vermelha

Crónica nº2

Maputo, 17- 20 de Agosto de 2014

Nesta 2ª crónica, a palavra que me vem aos lábios é *Alegria*. Sim, há muito tempo que não me sentia tão alegre, uma alegria mais profunda, menos efusiva e barulhenta (apesar das gargalhadas grossas e sonoras que surpreendem as pessoas, já que são vindas de uma mulher tão pequena...), uma alegria que se experimenta inesperadamente depois dos últimos e sofridos meses. A vida é bela e boa, apesar das horas difíceis...

Hoje é domingo, a Ábida saiu com o Abreu, e tenho a casa e o tempo por minha conta. Vou falar de *Festas*, as festas que tenho vivido ao longo destes dias. Já falei na *feira* a desenhar os bairros residenciais de Maputo: uma verdadeira dança de acácias que parem guarda-sóis de ramos ondulados e folhinhas leves e trémulas... dizem-me que no tempo da floração a cidade fica em festa rubra ou amarelo-dourado... mas eu satisfaço-me com a festa do simples verde claro, a transparência vacilante entre as muitas folhas e as enormes e penduradas vagens que se dizem frutos.... a suavidade do tronco prolongando-se nos ramos, uma leveza indescritível. Não consigo explicar muito mais a não ser enviando estas fotografias entre as várias que tirei da net (estas ainda não são fotos minhas, sorry...):



a primeira é um “close up” de acácias mas, como expliquei, não estão na época da floração... mas a silhueta verde, sim, é essa...



A 2ª foto mostra uma das ruas de Maputo: pode ser perfeitamente a avenida Patrice Lumumba, onde fica o Centro do Graal onde estou a viver, com o efeito geral das acácias dançantes a bordar os passeios... e quando está um bocadinho mais de calor, garanto, a sombra é preciosa!

A outra *festa* que quero relatar é a que ontem celebrou os 60 anos do irmão da Ida, o Majoca (Manuel João). O Majoca vive com a Ida, o marido Zeca e as três filhas da Ida: Iara, Carina e Andreia. O Majoca é presidente do sector das águas de Moçambique. Ida e Majoca são filhos de um alentejano dos quatro costados que casou com uma mulher indiana de uma muito antiga família que saiu de Goa nos anos sessenta e se instalou na ilha de Ibo a norte de Moçambique, em frente à cidade de Pemba (província de Cabo Delgado, cf. mapa da 1ª crónica). Ontem reuniu para almoçar *apenas* a parte da família que reside no Maputo... Eu cheguei um pouco atrasada porque havia tido um encontro com o grupo juvenil do Graal – os moçambicanos não primam pela pontualidade, diga-se a verdade... -, um grupo de jovens rapazes e raparigas entre os 15 e os 20 e tal anos, que se reúnem aos sábados de manhã, de 15 em 15 dias. O tema que propus foi “Conhecer-me melhor para melhor me comprometer com os outros” e foi preparado comigo e por três jovens mais experimentados do grupo. Fizemos uma série de exercícios relacionados com o tema, tendo eu acabado com uma breve reflexão sobre a cidadania *como um direito* que precisa de ser construído colectivamente e sobre os vários níveis de cidadania a que somos convidados/as. Terminei com um fragmento do poema *Universalidade* do Miguel Torga e, como não podia deixar de ser, com Mia Couto: “Preciso de ser um outro para ser eu mesmo.” Claro que acabou tudo com batuque e a Ticha a ser obrigada a uns arremessos de dança africana no centro da roda. Mas, reduzindo-me à minha incompetente insignificância, pedi-lhes que fossem eles a fazer alternadamente passos variados no centro da roda. *Uma Festa!*

Mas, “como eu ia dizendo” (Vitorino Nemésio), voltando à Ida et al., imaginem uma grande tenda branca montada no átrio de uma “escolinha” (como aqui chamam aos jardins de infância privados) que é alugado para eventos. Visualizem cerca de 10 grandes mesas redondas de 10 ou 12 lugares, cheias de pessoas de todas as gerações possíveis: do bebé no carrinho até à tia matriarca de 94 anos, claramente indiana, que saboreou gostosamente três camarões-tigre grelhados e, cansada, ao partir pegando na sua bengala, disse a toda aquela tenda cheia: “Podem ficar”... E ficamos, até porque chovia que Deus a dava, uma chuva fortíssima, pesada e longa que, além de deixar a cidade literalmente enlameada de vermelho, obrigou um rapazito negro encapuçado a passar o resto da tarde com um pau a levantar o tecto interior da tenda para obrigar a

água da chuva a não romper a lona (entre parêntesis, e ao deparar com o seu olhar magoado, me perguntei quanto lhe estariam a pagar por aquele serviço...). Quando digo “ficamos” quero indicar um conjunto tão diversificado de pessoas que não sei se conseguirei descrever: havia hindus cruzados com portugueses, com africanos de raça negra, até uma jovem de feições orientais (lindíssima!) porque o pai era... japonês! Havia africanos cruzados com hindus, havia mulatos africanos com feições hindus e vice-versa. Só posso e quero afirmar que as gerações mais jovens eram simplesmente lindas tal o entrosamento diversificado de raças. Porque *cultura* era realmente a cultura *festiva* e celebrativa daquela família feita de tantas mesclas: comida indiana, incluindo... bacalhau à Gomes de Sá, arroz doce e (imaginem!) farofas e, claro, pudim de ovos... Confesso mais uma vez o meu pecado: havia uns camarões tigre grelhados à l’ajillo, lindos, a olhar melosamente (melhor: melodramaticamente!) para mim e não resisti: convidei-os logo de entrada para o meu prato; interpelada pela Ida a ir servir-me novamente, o meu olhar guloso foi desviado pelos ditos camarões e não lhes resisti... só provei um bocadinho de frango tandoori para não dar demasiadamente nas vistas... terminando com uma breve fatia de “bebinca”, o famoso bolo indo-português em sete camadas, confeccionado por uma tia da Ida que...sofre da doença de Parkinson. Como a terá cozinhado com a sua visível limitação física é, para mim, um mistério.

Julgando eu que a festa ia acabar, com os parabéns ao Cajoca, um lindo bolo em forma de livro (ele é um homem cultíssimo!) e os “presentes” depositados no bolso dele – sim ele pediu que lhe déssemos dinheiro para apoiar a Casa do Gaiato que faz trabalho muito relevante com jovens em Maputo... - pois julgando eu que *a festa* ia acabar, eis senão quando, surge na mesa ao fundo um conjunto de computadores portáteis, duas grandes colunas de som, e dois DJ’s (= disc jockeys) que levaram aquele grupo tão diversificado a dançar ao rubro. Rubro mesmo porque, aqui, já não havia um “cadinho” de culturas, era dança africana pura e dura. Não tem explicação. Só relembro as palavras de José Eduardo Águas Luso no seu mais recente livro *A Rainha Ginga*: “é uma alegria para o espírito ver como cantam e dançam os africanos”.

Todos dançaram, até a humilde aprendiz que escreve esta crónica e que bem gosta de dar voltas sobre si mesma. Mas a referida aprendiz de vez em quando tinha de parar de tão ofegante (sempre são 65 anos!) e, também, porque não parava de saborear e contemplar aquele grupo: a tia idosa com a doença de Parkinson é trazida por dois jovens para dançar connosco; uma prima mais jovem que veio pelo seu pé mas que tem a mesma doença (o ar absolutamente extático com que regressou ao seu lugar não se descreve!)... a jovem-mulher claramente de raça negra (e, então, na dança!!!) que foi criada pela mencionada tia que tem Parkinson que, viúva muito jovem (a tia, explico-me...), educou 7 (sete!) filhos e ainda teve a coragem de adoptar e dar uma família àquela jovem negra que havia sido abandonada pelos pais. Pois foi vê-las a dançar! Até umas senhoras, assim talvez da minha idade, mas mais pesadas, quando se entregavam à dança pareciam que traziam a terra debaixo dos pés e a leveza de um pássaro... Um respeitável juiz do Supremo Tribunal a dançar dança africana da pesada... ou o arquiteto que foi ministro das obras públicas no tempo de Savimbi, mas que se desiludiu com a Frelimo de então. Acreditem os respeitáveis leitores: eu, que se ouço tambores africanos, tenho logo formigueiros nos pés, preferia quase gozar toda aquela *dançante festa* sentada, porque preferia olhar contemplativamente e inundar-me com o que via!

Os meus leitores estarão cansados desta *festa*, mas tenho ainda para contar a de hoje..
– tem sido assim Moçambique para a Ticha, vai-se movendo de festa em festa, de alegria em alegria e de abraço em abraço e, nos intervalos, vai fazendo umas “tarefas” que lhe pedem ou que ela se prestou fazer...



Hoje foi a celebração principal do jubileu da dedicação da Sé catedral do Maputo. Para quem não se lembra, segue a fotografia, realmente é muito bonita, branca desenhando-se no céu azul. Ao lado podem ver o célebre Hotel Rovuma que passou para o grupo Pestana.



A catedral muito branca abre suas portas para acolher rios de pessoas, a maior parte das mulheres com capulanas azuis semeadas a amarelo dourado e laranja celebrando o jubileu. A Ábida colocou-me uma, mas pedi-lhe que apertasse bem pois não tenho o moçambicano dom de me sacudir bem e a capulana ficar em seu sítio. Foi tarefa difícil por cima dos meus jeans, reclamando a Ábida que... não encontrava a minha cintura... - Ábida, Ábida, então não sabes que a minha cintura...tende a desaparecer, sobretudo depois de quase 4 meses sentada a estudar Teresa de Ávila? O que nos rimos, sob o complacente olhar da rainha das rainhas moçambicanas, a Manuela Muianga (a Manuela trabalha nas Nações Unidas) que veste a capulana como ninguém, ou manda fazer um fato de saia e casaco com tecido de capulana e parece que está a estrear um fato Dior, tal a elegância, a cabeça levantada em arco, os adereços exóticos absolutamente condizentes, o andar pausado e a voz quente e macia.

Voltemos ao *Jubileu*, que me estava a perder em outro... O arcebispo Francisco Chimoio transportava uma casula enfeitada a pele de leopardo, e era precedido de um numeroso grupo de acólitos/as e padres e, sobretudo de mulheres e raparigas de capulana-jubileu com o mesmo padrão que a minha movimentando-se ao som de música claramente africana (a Ábida lá foi metendo na ordem estas pernas inquietas...), o presidente da Câmara e sua magnífica 1ª dama e, sobretudo, o antigo (e muito saudoso!) Presidente Chissano, com uma camisa estilo capulana-jubileu, e que foi o leitor da Epístola. Um coro de vozes sublimes (lembrei-me das vozes eslavas da igreja ortodoxa em Varsóvia, tal a amplitude de umas e outras) em vestes em cetim azul bem claro, que se transcendia e nos transcendia sempre que eram cantadas canções na língua e ritmo ronga, a língua local de Maputo. Um ofertório ao som de *Ha buya, ha buya, ha buya, ka wena Hosi!* (Caminhemos, caminhemos, vamos doar tudo ao Senhor) e, além das ofertas em dinheiro, vinham as peneiras (cestos planos) cheias, simbolizando a fartura do dom de Deus: havia peneiras com flores, frutos, legumes... uma *feira* de cores! mas também levando embalagens de leite, de coca-cola, até de papel higiénico... tentem entender o contexto e não se escandalizem: apenas sorriam com ternura e empatia: este país viveu terríveis privações durante os primeiros anos de liberdade e com a guerra que se seguiu. Tenho ouvido histórias das nossas amigas do Graal que não sabiam com que alimentar os filhos ou encontrar produtos básicos para a sua sobrevivência. Sim, oferecer e dar graças a Deus por um rolo de papel higiénico, um bem precioso que agora merece ser *festejado!* Tal como as frutas, as flores, os legumes....

Na nave da catedral, lá no alto, nas ábsides, esvoaçam 2 ou 3 pássaros (ainda não consegui saber o nome) que, nos intervalos do coro nos brindam com os seus trinados ampliados pelas paredes de mármore branco. Simplesmente belo!

Portanto acabaram de ouvir a voz: **Alô, alô, aqui** Maputo em dia de festa na Terra Vermelha. Já agora, o nome *Maputo* provém do Rio Maputo, que demarca a fronteira sul de Moçambique e que, durante a Guerra pela independência, adquiriu grande impacto através do *slogan* "Viva Moçambique unido do Rovuma ao Maputo", sendo o rio Rovuma o rio que forma fronteira com a Tanzânia, a norte (cf. mapa ou... Google maps).

Retomo Mia Couto: "Preciso de ser um outro para ser eu mesmo." Acredito ser essa a *festa* nas nossas vidas. Diz a antropologia cultural e simbólica que é pelo *détour* do outro que me reencontro comigo própria... pelo *détour* do outro lavo a minha alma para que ela sinta a *festa* que a envolve e o dom da alegria que lhe é graciosamente devolvido.

Que as férias sejam um *festivo* e refrescante alimento para todos/as!

Da Terra Vermelha, *Ticha*

PS: em *post scriptum* (ver pág seguinte) deixo as acácias que fotografei esta manhã, 2ª feira, para verem como não estou a fantasiar a beleza das acácias...

